

# Continuar a investir na cultura no interior é também apostar nestes territórios

**P** [publico.pt/2021/08/31/local/noticia/continuar-investir-cultura-interior-tambem-apostar-nestes-territorios-1975843](https://publico.pt/2021/08/31/local/noticia/continuar-investir-cultura-interior-tambem-apostar-nestes-territorios-1975843)

Camilo Soldado

Seminário que marca o encerramento do projecto Rede Artéria, que criou espectáculos em oito concelhos da Região Centro, decorre em Belmonte e debate o papel da cultura na dinamização do interior.



Entre esta quinta e sexta-feira, reúnem-se em Belmonte sociólogos, filósofos, economistas, agentes culturais e responsáveis políticos para falar sobre cultura e a interioridade. “Estratégias para inventar o futuro: o interior em análise no pós-pandemia” é o mote do seminário que marca o encerramento da Rede Artéria, um projecto de criação artística coordenado pela companhia de Coimbra O Teatrão e que arrancou em 2018. A rede funcionou entre Guarda, Ourém, Belmonte, Figueira da Foz, Tábua, Fundão, Viseu e Coimbra.

No fim do projecto, diz a directora artística d’O Teatrão, Isabel Craveiro, há maior capacidade para “olhar para o que foi produzido, para a relação entre território e criação artística, para o papel dos agentes culturais locais, para o poder local, mas também para os recursos que existiam”, refere a responsável. “Depois há a questão das assimetrias e da pandemia, que vem trazer alguns dados sobre a fragilidade enorme dos agentes culturais”, refere. Naturalmente, “os menos financiados e mais isolados sofrem mais”, afirma.

Deste encontro vai sair uma mensagem para os decisores: é preciso dar continuidade ao financiamento de projectos culturais no interior do país. “Sentimos necessidade de fazer recomendações para o futuro”, refere Isabel Craveiro. Recomendações que poderão ser endereçadas directamente, uma vez que a grelha do seminário conta com a ministra da Coesão Territorial, Ana Abrunhosa, e com a presidente da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro, Isabel Damasceno.

Depois há problemas de profissionalização, aponta a responsável, que estão relacionadas “com o investimento” – ou falta dele – “que os municípios fazem e que a Região consegue para estas áreas”.

## Novas pessoas

---

Sobre a necessidade de sustentar projectos, Isabel Craveiro dá o exemplo da própria rede Artéria, que percorreu oito município da Região Centro do país – do interior ao Litoral – e que esteve nos sítios, trabalhou com agentes locais, criou redes, apresentou espectáculos e foi entretanto interrompida. “Há fundos, mas eles são interrompidos. E essas interrupções reforçam o carácter informal” do trabalho da cultura no terreno, aponta, sublinhando que não fala apenas do projecto que agora chega ao fim. “Devia continuar-se a fazer um investimento, porque se percebe que aquele território precisa”, explica.

A directora do Teatrão não faz esta afirmação baseada numa percepção. A Rede Artéria foi acompanhada pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, que levou a cabo um estudo de público, coordenado pelo professor da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e investigador do Centro de Estudos Sociais (Núcleo de Cidades, Culturas e Arquitectura), Claudino Ferreira.

O académico, que falou com o PÚBLICO quando ainda não tinha os resultados finais do levantamento que se baseou numa amostra de perto 1100 inquéritos, refere que, além do perfil de público expectável em artes performativas, “percebe-se aqui a presença de pessoas que tomam um primeiro contacto, que não frequentam habitualmente este tipo de espectáculos”. Isso significa que se conseguiu formar novos públicos? “Essa não é uma formulação muito útil, mas a verdade é que se conseguiu integrar pessoas que não seria expectável”.

Mas deste levantamento, há outro dado curioso: a mobilidade. Ou seja, pessoas que partiram de zonas relativamente distantes para assistir aos espectáculos. “Haver capacidade para atrair pessoas que vêm de fora é muito interessante porque, em Portugal, a mobilidade [para assistir a espectáculos] é baixíssima. Ocorre em Lisboa e Porto ou nos eventos mais mediáticos, como festivais” explica.

Há também as dimensões que mais dificilmente serão quantificáveis, como o facto de praticamente todas as apresentações terem sido na rua e isso ser “acentuado como atractivo para ir ao espectáculo. Ainda assim, o sociólogo que vai participar no seminário fica com mais perguntas que respostas: “como se lê o facto de haver muita gente que habitualmente não vai a um espectáculo e que foi ali? o que é que isso representa para os artistas? e para os programadores? Como consigo fixar os espectadores?”

## O que fica?

---

Este encontro não estava previsto quando o projecto arrancou, em 2018. “Ao longo do processo, sentimos alguma necessidade de haver maior discussão sobre as coisas que íamos encontrando”, explica Isabel Craveiro, lembrando que Luto, o espectáculo que estreou em Tábua, já foi acompanhado por um seminário.

E uma das pessoas que encontram foi Tiago Sami Pereira, que é músico, viveu na zona de Lisboa, mas que se mudou há cerca de 10 anos para a Beira Interior. Vive em Carrapichina, Celorico da Beira, trabalha com percussão e entrou no processo que levou a

Caminho, peça de Filipa Francisco que estreou em Setembro de 2020 no anfiteatro ao ar livre do Castelo de Belmonte, não muito longe do sítio onde terá lugar o seminário.

“Acabei por me fixar e ganhar este gosto em trabalhar junto das comunidades e desenvolver vários projectos na área artística”, conta.

“Há um trabalho que tem vindo a ser feito. Mas é preciso saber ao certo o que é que estes territórios ambicionam para o seu desenvolvimento. As estratégias têm que ser feitas à medida de cada local”, considera. Por isso, prossegue, as estratégias que funcionam em grandes centros urbanos e são ali replicadas “não singram”. “As necessidades são distintas”, comenta. Defendem também a continuidade do investimento naquilo que agora classifica como “processos efémeros”.

Depois de um projecto com esta escala, o que fica? “A possibilidade de passar ferramentas”, responde Tiago Sami Pereira. “Há um processo de formação e capacitação – para que depois se possa ter autonomia para realizar os seus projectos a nível local”, diz.